O Padre Martin de Nantes e o Cel. Dias d'Avila

BARÃO DE STUDART

Entre os frades capuchinhos missionarios no Brasil nos fins do seculo 17 se conta o Pe. Martin de Nantes, enviado a pregar o Evangelho entre os selvagens em 1671 pelo Pe. Provincial Ange de Mamers. Sua chegada ao Brasil succedeu a 3 de Agosto daquelle anno e de então vae seu apostolado até 1687, quando se recolheu á Europa.

Dos grandes trabalhos que emprehendeu para a conversão dos indios, dos perigos que atravessou, e das luctas de todo genero que teve de sustentar deixou elle noticia no livro, que principiou a escrever em 1685, e publicou sob o titulo de **Relation succinte et sincère de la Mission du Pe. Martin de Nantes, predicateur capucin, missionaire apostolique dans le Brésil parmi les indiens appelés Cariris.**

Foi impressor da obra Jean Perier, **imprimeur du Roi, du Clergé et du Collège á Guimper,** depois de obtida em 1706 a approvação das authoridades ecclesiasticas a quem competia o exame della, os Rvds. Pes. Anastacio,

provincial dos capuchinhos da Provincia da Bretanha, os theologos Laurent e Augustin e Jacques Furic, vigario geral.

Iniciou o Pe. Martin suas missões entre os Cariris ao lado do Pe. Theodoro de Lucé em uma aldeia fundada por Antonio de Oliveira cerca de 50 legoas da villa de Parahyba; logo, porém, se transportou d'ahi para o Rio S. Francisco a catechizar filhos da mesma nação por aquellas dilatadas regiões disseminados.

Não é meu proposito consignar aqui o que de notavel se assignalou durante os annos de seu apostolado entre essas tribus, plus bêtes qu'hommes segundo seu dizer, ás quaes deu o melhor de sua vida e de seus ingentes esforços para salvação temporal e espiritual dellas e para trazel-as graças á catechese ao banquete da civilisação.

Tantas maravilhas de amor christão, tantos milagres de fervorozo zelo que só a religião sabe desenvolver e explicar melhor os poderá ler e admirar quem se dér ao agradavel passatempo de recorrer ao escripto do douto e piedoso missionario.

E' meu intento agora tão somente resumir a traços rapidos as relações que com o Pe. Martin entreteve, e para desgraça delle e dos seus neophitos, o celebre potentado bahiano, Francisco Dias d'Avila, o fundador da Casa da Torre, cujas façanhas enchem paginas da chronica da antiga colonia e cuja influencia, atravessando as fronteiras bahianas, se fez sentir em diversas capitanias.

A primeira vez que delle se occupa o Rvd. missionario é a pag. 85 da **Relação** quando se refere á fuga dos indios da aldeia de Uracappa e á rebeldia, aliás de pouca duração, do maioral da ilha Cavallo, tudo por suggestões desse rico potentado, cuja influencia sobre os indios, que explorava de modo cruel, se sentia diminuida ao menos moralmente fallando, o que era insupportavel ao homem que, como se expressa o missionario, possuia por doação do rei de Portugal **toutes les terres**

du fleuve (S. Francisco) depuis 30 lieues en bas jusqu'a plus de 100 lieues en haut.

Essa aldeia de Uracappa demorava a cem leguas mais ou menos de Penedo.

Era realmente immensa a extensão de terras devolutas do S. Francisco com que a coroa o presenteara, mas nas concessões feitas se excluiam as terras occupadas pelos indios aldeiados. Comtudo essa excepção, que devia ser garantida por espirito de justiça e até por gratidão, porquanto ainda ha pouco tinham os indios sahido á guerra em defeza de Avila e dos portuguezes contra tribus que andavam em correrias, poucas peias punha á avareza e cubiça de quem possuindo 50 mil libras de renda mandava soltar suas cavalhadas nas ilhas de Pambu e Uracappa, reduzindo os pobres indios á mais desgraçada ruina pela destruição de suas lavouras e limitadas economias.

Dias d'Avila era realmente pequeno de alma e de corpo. O interesse nelle excedia de muito ao physico, que era de acanhadas proporções.

Diante da desolação em que viviam os pobres indios o missionario valeu-se de todos os recursos que lhe suggeria a grande caridade de que era animado; conferenciou com Dias d'Avila, e nada conseguiu; escreveu por tres vezes ao governador da Bahia, que então era Roque da Costa Barreto, successor em 1678 do Visconde de Barbacena, e nada conseguiu, porque cercavam-o Dias d'Avila que para ali se transportara e os muitos amigos que tinha e que á sua semelhança expoliavam os indios e uns e outros pintavam o missionario como revoltoso, turbulento, homem capaz de conflagar aquellas regiões.

Agora não se conspirava contra os missionarios como o fizera aquelle Antonio de Oliveira de que acima tratei, especulando-se com o facto de serem de nacionalidade franceza, o que lhes ia custando a expulsão dos dominios portuguezes no Brasil; mas o interesse particular dos

estancieiros e colonos, a cuja frente estava a Casa da Torre, se coloria por modos varios com o interesse do abastecimento das praças de Pernambuco e Bahia contrariado, dizia-se, com o proceder dos indios instigados e protegidos pelos seus directores espirituaes.

Era necessario dar um golpe decisivo ou abandonar de vez a Missão.

Não surtiam effeito nem as cartas nem os emissarios expedidos ás authoridades na Bahia; para lá resolveu seguir então em pessoa o Pe. Martin, apezar da rigorosa secca que lavrava, apezar dos perigos que deixava após si e dos que de momento podiam occasionar a destruição completa das aldeias, apezar dos perigos que ia enfrentar na capital. De seus proprios labios teria de ouvir o Governador de que lado estava a justiça e si as informações que lhe prestara eram falsas ou exaggeradas.

Com dous indios por companheiros eil-o que se põe a caminho. Por alimento um pouco de carne secca e de farinha. A agua encontrariam-a pela estrada.

Após uma viagem de quasi um mez, deu entrada na Bahia o Pe. Martin. Estava a cidade em preparos para grandes festas. Pomposa ceremonia tinha de ser celebrada, como de facto o foi, no dia seguinte em honra do casamento da Infanta de Portugal com o Duque de Saboia. A' ceremonia assistiu o Pe. Martin sendo seu logar no coro ao lado do proprio Governador.

"Depois da cerimonia, diz o Pe. Martin, que foi em tudo magnifica, dirigi-me ao Collegio dos Padres Jesuitas; tendo sabido que estava em casa o Rvd. Provincial tomei a liberdade de perguntar por elle.

Era um homem sem duvida digno do cargo. Recebeu-me com tamanha affabilidade que criei animo para lhe expor o motivo da minha visita. Escutou-me com muita bondade, apreciou as minhas razões, disse-me que era justo o meu procedimento, que já estava informado das queixas articuladas contra mim, que essas queixas ti-

nham feito muito barulho na cidade, que grandes opposições havia eu de encontrar, que contra mim era grande a má vontade do governador e de toda cidade, porque corriam as cousas de modo muito outro do que se tinham passado e elle estava agora a ouvir. Accrescentou que Francisco Dias d'Avila e um seu tio Antonio Pereira, que era padre, haviam perseguido a elles Jesuitas em suas missões, a ponto de lhes queimarem duas casas e duas egrejas, que esse negocio fôra levado á côrte de Portugal e tinham sido obrigados a ceder porque a côrte fôra enganada.

Eu lhe respondi: Meu reverendo padre, trata-se de negocios de Deus e não meus. Ponho nelle toda a minha confiança; farei como homem o que puder, e Elle fará o resto se lhe approuver. Me exprobaria muito se abandonasse a sua causa pelas difficuldades que surgem.

Vos rogo pelo interesse que tendes pela gloria de Deus vades ter com o Governador e lhe digais que peço humildemente que tenha a bondade de me conceder uma audiencia".

Obtida a audiencia por intermedio do Provincial e Reitor dos jesuitas, homens de grande influencia por seus proprios meritos como por serem chefes de uma communidade que contava na Bahia 133 religiosos entre professos e noviços, o Pe. Martin se dirigiu ao palacio do governo.

Recebido com civilidade e mesmo com distincção pelo Governador, expoz-lhe o fim da sua visita que era receber pessoalmente a resposta das repetidas cartas, que endereçara sem proveito ou resultado.

Explicadas as cousas, rebatidas as arguições e calumnias levantadas á conta delle concluiu o Governador por dar-lhe sua amisade, prometter-lhe todos os favores e firmar uma Ordem, que lhe garantia paz e socego, e aos indios a justiça, que lhes era denegada.

A essa audiencia outra se seguiu oito dias depois.

Ia voltar assim o missionario satisfeito em todos os seus desejos e apparelhado das melhores armas para a defeza dos indios. No espirito dos adversarios, que lhe haviam creado as intrigas e os interesses contrariados, operara-se completa transformação; não era só o Governador que o amparava agora, até mesmo parentes de Avila, bem esclarecidos sobre o assumpto, faziam-se seus amigos e bemfeitores. Il y en eut deux qui me firent des aumones pour notre mission, diz o Padre.

Não dormia, porém, o astuto Dias d'Avila, que então estava em sua casa da Torre. Informado por seus agentes da chegada do frade e da boa acolhida que tivera do Governador, a este procurou incontinenti para sondar-lhe o animo e destruir qualquer ruim impressão, que lhe tivesse ficado.

Recebeu-o asperamente o governador que o tratou por inimigo da missão e prejudicial ás intenções reaes ; sem embargo, obtida uma nova audiencia, conseguiu Dias d'Avila predispor o espirito de Roque da Costa a seu favor lendo-lhe trechos de cartas, que lhe aproveitavam e occultando aquelles que mal lhe convinham. Essas cartas eram do punho do missionario e a proposito dos cavallos da ilha de Uracappa. Triumphava o embuste.

Receioso de que fosse cassada a Ordem dada pelo governador em beneficio dos indios e de que já estava de posse, e a essa supposição era levado pelos modos com que fora tratado na occasião ultima em que os dois se encontraram, o Pe. Martin preparava-se para ir ao Reino reclamar alli o que se lhe negava quando o Pe. Provincial dos Jesuistas compondo as cousas, embora com difficuldades, obteve que a Ordem fosse mantida e que nada se alterasse. "Que o Pe. volte em paz, e si alguem o inquietar que elle me avise e a tudo darei remedio" foram as palavras de Roque da Cunha para o Pe. Martin, palavras que o emissario se apressou em transmittir-lhe.

De seu lado Dias d'Avila não conseguindo que a Ordem

fosse cassada, outro ia ser agora o plano de combate. A estrategia surtiria effeito onde a força se confessava vencida.

Dar-se-ia por amigo do Padre, mandal-o-ia chamar á sua casa, pedir-lhe-ia tregoas, dar-lhe-ia presentes, manifestaria vivo desejo de que o passado fosse esquecido para beneficio de todos. E si assim pensou melhor o fez.

Cahiu o Padre na cilada que lhe fôra armada. De parte a parte protestos de amisade e de serviços. Dias d'Avila fez ao Pe. presentes de latas de marmelada, adiantou-lhe dinheiro, tudo lhe prometteu.

Era agora chegada a vez do Pe. retribuir tantas delicadezas e corresponder na altura de sua missão ás propostas que se lhe fazia de harmonia e paz.

"Senhor, disse o padre, vossas delicadezas me obrigam a vos dar uma prova incontestavel da sinceridade de meu coração. Pois que me daes tão grandes signaes de vossa affeição entrego-vos de bom grado a Ordem que, segundo sabeis, me deu o Snr. Governador. Ella não me é mais necessaria pois que reina accordo entre nós. Basta que me façaes o favor de escrever algumas linhas para os habitantes do Rio afim de que elles comprehendam que me honraes com a vossa amizade e que quereis que vivamos todos na mais completa paz. Dest'arte imitarão vosso exemplo e Deus será glorificado."

Dias d'Avila metteu no bolso a ordem do Governador e entregou ao Padre a carta, que lhe pedira para os homens do Rio de S. Francisco.

Cahira o Padre Martin no primeiro laço. "Agora que estamos amigos e bem amigos, disse Dias d'Avila, dê-me V. Rvdma. uma prova de sua extrema bondade.

Sabe V. Rvdma. das grandes despezas, que fiz na ultima guerra para a qual S. Magestade me forneceu apenas polvora e chumbo, e dos muitos encommodos que por tantos annos tenho soffrido fóra de minha casa afim de impedir novas sublevações dos aborigenes.

D'El Rei não quero receber nada mas pretendo um titulo, um posto de honra que julgo ter bem merecido. Na frota prestes a partir para o Reino seguirá o meu requerimento acompanhado dos attestados do Governador, dos quatro Mestres de Campo e dos Jesuitas; dê-me tambem um attestado seu que ser-me-á de grande proveito na Côrte".

Quiz a principio o Padre Martin recusar o attestado mas afinal cedeu. Vencera em seu animo a necessidade de ter a seu lado e favoravel aos indios o fidalgo bahiano.

Cahira o Padre no segundo laço.

Havia dois dias que o Padre Martin emprehendera a viagem de volta para as Missões, viagem que quasi lhe custara a vida se não fossem as caridosas providencias dos missionarios Jesuitas Jacob Rolland e Jacob Cley e do Pe. Anastacio, e já Dias d'Avila procurava uma audiencia do Governador Roque da Costa e dizia-lhe, radiante, apresentando a ordem e o attestado:

— Snr. Governador, ides reconhecer agora o caracter do missionario que com mascara de santo veio surprehender a boa fé de vossa senhoria. Aqui tendes um certificado firmado por elle contrario em tudo ao que vos disse a meu respeito, aqui tendes a ordem que lhe destes e que me deixou por desprezo não se dignando conduzil-a comsigo.—

Podem todos avaliar da surpreza do Governador vendo coisas tão contradictorias. Não teve limites sua colera contra o Padre.

Sobre este, porém, velava a Providencia.

Informado das novas intrigas e dos ardis de Dias d'Avila por Luiz de Tissange, capuchinho, chegado ha pouco da cidade de Lisboa para a casa da Bahia e que professara juntamente com elle, redigiu o Padre Martin longa carta explicativa que depois de grandes embaraços

chegou ás mãos do Governador por intermedio desse seu companheiro de habito e amigo.

A leitura dessa carta, uma folha de papel, operou completa transformação no animo do Governador; Dias d'Avila mais uma vez cahiu em discredito e animadversão; o Padre mais uma vez foi circumdado de todos os obsequios e favores.

Sem o certificado do Padre Martin, escreveu Luiz de Tissange, todos os bens de Dias d'Avila teriam sido confiscados e elle exilado para Angola.

Vivia tranquillo e livre das oppressões e calumnias entre os seus filhos espirituaes o Padre Martin, quando recebeu mandado do seu Provincial afim de se dirigir á Bahia na qualidade de Superior para ahi edificar um hospicio ou convento. O que havia então eram pequenas cellas, **de simple terrasse**, como elle diz, e uma egreja tambem pequenina. Sob suas vistas e direcção ia surgir um edificio de proporções maiores, para o qual concorreria a piedade dos fieis, e o proprio rei de Portugal entraria com doação annual de 500 libras por 10 annos.

Demorou-se ainda o Padre Martin por 5 mezes nas suas duas aldeias antes de entregal-as ao seu substituto, o Padre Bernardo de Nantes. Era preciso ensinar-lhe o idioma dos selvagens e habitual-o ao exercicio do seu santo ministerio. Para facilitar-lhe a empreza presenteou-o com um diccionario da lingua Cariri, algumas vidas de santos e varios escriptos de religião vertidos por elle do portuguez para essa lingua.

Feitas as despedidas aos seus queridos filhos espirituaes e entre as lagrimas de todos, deixou o Pe. Martin suas aldeias do S. Francisco, passou por Penedo, visitou as aldeias dirigidas pelos capuchinhos Bóaventura de Becherel, que succedera ao Pe. Anastacio d'Audierne, e José de Ploermel, demorando-se em cada uma dellas doze dias a lhes transmittir o que sabia do governo dif-

ficil dos indios por uma experiencia de 12 annos, e finalmente tomou um barco que devia conduzil-o á Bahia.

A viagem foi das mais arriscadas; quasi que a morte os tomou a todos na barra do Rio, onde as ondas se faziam terrivelmente alterosas pelo encontro com as aguas do oceano. No meio do desanimo geral guardara o Pe. Martin admiravel sangue frio. Se pode affirmar que a elle deveu-se não ter naufragado o fragil batel sobre os bancos de areia.

Chegado á Bahia, já alli não encontrou no governo a Roque da Costa. Havia cerca de 3 mezes que se partira para o Reino, e em seu logar estava Antonio de Souza de Menezes (Dom Francisco de Souza, diz a **Relação**), chamado o Braço de Prata, por ter uma mão feita desse metal que costumava trazer sempre enluvada. Tinha-lhe despedaçado uma das mãos um tiro de canhão durante a guerra de Portugal e Hespanha; d'ahi o appellido. Assumira o governo em Maio de 1682.

Empossado que foi o velho D. Antonio, a pobre victima das satyras de Gregorio de Mattos e de outros poetas da epocha, tratou de conquistal-o o Coronel Dias d'Avila. Com este poderiam aproveitar melhor as intrigas e os ardis, infructiferos no tempo de Roque da Costa. Era-lhe facil a entrada em palacio; sua enorme riqueza abria-lhe todas as portas e lhe creava serviçaes em cada canto.

Mas perante D. Antonio de Souza tambem não surtiriam effeito os estratagemas usados; ainda uma feita levara a melhor a verdade, que com certeza não estava da parte do eterno accusador dos missionarios. E o curioso era vel-o em seus passeios, á rede pela cidade, saltar ligeiro e fazer festas ao padre quando com elle se encontrava, como si entre os dois existisse boa e sã camaradagem.

Dahi a tempos chegava de Lisboa o novo Arcebispo, religioso da Ordem Franciscana, homem douto e grande pregador. Cessara a longa viuvez da Egreja bahiana.

Sentidas e magoadas lagrimas vinha ella de ha muito vertendo: D. Estevam dos Santos, o 9.° bispo, mal por tres mezes se sentara no solio, o 10°., D. Constantino Sampaio, perecera em Lisboa sem tomar posse, Gaspar Barata, já elevado o bispado a archiepiscopado em 16 de Novembro de 1676 pela **Bulla Inter Pastoralis officii curas**, deixara-se ficar no Reino e, pois, não exercitou em pessoa suas elevadissimas funcções.

O pernambucano Pe. Carlos Augusto Peixoto de Alencar, que eu conheci ainda Vigario desta cidade da Fortaleza, diz no seu **Roteiro dos Bispos do Brasil** que a Bulla do Papa Innocencio que elevou o Bispado do Brasil a Arcebispado começava pelas palavras **Romani Pontificis Pastoralis solicitude.**

Esta Bulla de Innocencio XI foi a que creou o Bispado do Rio de Janeiro, que é da mesma epocha; dahi o equivoco do Padre Carlos de Alencar.

A **Relação** não diz o nome do novo antistite, dado por successor a D. Gaspar Barata de Mendonça, mas trata-se de Frei João da Madre de Deus.

Vinha elle do Reino muito prevenido contra os missionarios e isso confessou-o de viva voz ao Pe. Martin. Eram as mesmas as intrigas e accusações. Era o mesmo o delator e o intrigrante. Sempre Dias d'Avila.

Como perante Roque da Costa e Dom Antonio de Souza triumpharam perante o Arcebispo a verdade e a justiça. Fortes laços de amisade ligaram o Arcebispo ao missionario até que a morte arrebatou o primeiro no meio da geral consternação a 13 de Junho de 1686. Jaz sepultado na capella-mór da Sé, antiga cathedral. Pouco mais de 3 annos occupou o solio archiepiscopal pois tinha chegado a 20 de Maio de 1683. Victimara-o a febre amarella que pela primeira vez fazia erupção no paiz, e que teve o nome de **males** em Pernambuco onde appareceu em 1685, e o de **bicha** na Bahia.

Dessa epidemia, que tantas victimas notaveis ceifou

em Parnambuco e Bahia como, além do Arcebispo, o governador de Pernambuco Fernão Cabral, homem de sentimentos piedosos e de serviços, o Conde do Prado, doze membros da Companhia de Jesus, e o Governador geral Mathias da Cunha, este fallecido a 24 de Outubro de 1688, occupei-me com alguma minudencia no livro **Documentos para a historia da pestilencia da bicha ou males.**

Fallando desse triste periodo da nossa historia em que ás calamidades da guerra se ajuntaram a peste e a fome, diz Varnhagen, na sua **Historia Geral do Brasil,** que na Bahia a bicha se apresentou com feições aristocraticas, levando para melhor vida o primeiro Arcebispo frei João da Madre de Deus e o governador marquez de Monte Bello. São palavras textuaes suas.

Enganou-se o illustre historiador. Nem Felix Machado, Marquez de Monte Bello, foi governador da Bahia nem falleceu da doença contagiosa e pestilencial de então; foi della acommettido é verdade, mas restabeleceu-se, sendo seus medicos assistentes Domingos Pereira da Gama e Joam Ferreyra da Rosa, a quem se deve o **Trattado unico da Constituiçam pestilencial de Pernambuco,** publicado em Lisboa em 1694. Dessa obra, hoje rarissima, vi dois exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa e sei que possue um a Bibliotheca do Rio de Janeiro.

Varnhagen confundiu o Marquez, que foi governador de Pernambuco, com Mathias da Cunha ou então com Fernão Cabral.

O Padre Martin de Nantes, atacado pela epidemia, quasi que teve a sorte do seu grande amigo o Arcebispo Frei João, a quem, convalescente do mal, visitou por varias vezes e a cujos funeraes esteve presente.

Um anno antes de morrer o Arcebispo concorrera com 200 libras para auxilio da edificação do convento. "Com elle, diz a **Relação,** perdemos um verdadeiro protector da Missão."

O Padre Martin sentia-se agora gravemente enfermo e pois, a conselho dos medicos tratou de emprehender uma viagem á Europa. Um rheumatismo generalisado trazia-o incapaz para qualquer serviço.

Resolveu partir em busca de allivio aos seus padecimentos a bordo do navio de um mercador flamengo de nome Carlos de Moor, o qual chegou ao porto do seu destino depois de uma viagem de tres mezes completos. Tantos haviam sido tambem os dias de sua primeira viagem de Lisboa ao Brasil.

Com elle embarcou um indiosinho, filho do Capitão Thomé Alvares, de Uracappa, que voltou mais tarde para a aldeia e fez-se matar, já capitão, em uma guerra a que fôra em serviço do rei.

Os ultimos dias de sua estada entre os bahianos compensaram-o de sobejo das contrariedades de outr'ora. A população enchia-o de consideração e respeito; cumulava-o de distincções o governador de então, que era D. Antonio Luiz de Souza Tello de Menezes, 2.º Marquez das Minas empossado a 15 de Junho de 1684; todos lhe tributavam homenagens, não sendo dos ultimos (quem o diria?) o proprio Coronel Dias d'Avila.

Entretanto, diz o Padre Martin, no ante-penultimo capitulo da Relação, o Coronel Francisco Dias d'Avila soube de minha partida alguns dias depois, por informações do seu agente, que expediu um expresso com a noticia á sua Casa da Torre. Mandou-me logo quatro carneiros, grandes e muito gordos, e ordem ao agente para dar-me dois bois para matalotagem e todos os refrescos de que me quizesse utilisar.

Escreveu-me uma carta muito attenciosa queixando-se de não o ter advertido do meu designio, e fez entrega ao mesmo tempo de 250 libras para o nosso edificio, promettendo contribuir para o futuro com mais quantias.

O convento estava já edificado, mas a egreja não o estava, e devíamos ao arcebispo dois mil francos. Accei-

tei somente os quatro carneiros, tres dos quaes deixei para os religiosos, e a esmola pecuniaria. Commigo levei apenas o habito, o manto e o breviario; o resto me foi fornecido com abundancia por Carlos de Moor.

Agradeci ao Coronel Francisco Dias d'Avila por uma carta, a mais civil que me foi possivel, rogando-lhe que continuasse a honrar com sua amisade aos nossos missionarios e promettendo-lhe voltar e trazer-lhe umas Horas que elle me pédira. Era este, sem duvida, o meu verdadeiro designio.

Assim nosso capital inimigo tornou-se nosso amigo por necessidade.

Emfim Deus, que vê o fundo dos corações e julga segundo os meritos de cada um, tirou-o deste mundo pouco tempo depois, na edade de cerca de 50 annos. Cahiu em demencia um anno antes de morrer; foi abandonado e despresado dos seus e dos proprios filhos. Morreu sem soccorro algum, e, o que é ainda mais triste, sem sacramentos. Deixo a Deus o julgamento de morte tão desastrosa. Para adiante, a Casa da Torre experimentou perdas consideraveis; não creio que ella possa subsistir ainda por muito tempo, havendo-se elevado e enriquecido a custa dos pobres indios e sobretudo se tendo opposto tantas vezes á conversão delles por interesse pessoal."

Na Côrte Portugueza foi elle optimamente acolhido por El-Rei, pelo Nuncio Francisco Picolomini, arcebispo de Rhodes, pelo Embaixador de França Amelot, pelo Conde de Licerna que então se occupava de escrever em latim uma Historia do Brasil e varias outras pessoas de distincção, e teve ensejo de assistir á sagração do novo arcebispo da Bahia, que era tambem religioso da Ordem de S. Francisco, e á dos bispos de Pernambuco e Rio de Janeiro, ambos sagrados no mesmo dia pelo Cardeal D. Verissimo d'Alencastro.

O arcebispo a cuja sagração esteve presente o Padre

Martin foi D. frei Manoel da Resurreição, que assumiu as redeas do governo por morte de Mathias da Cunha conservando-se nelle até a posse do novo governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho em 10 de Outubro de 1690, e veio a fallecer a 16 de Janeiro do anno seguinte no sitio Belém 6 kilometros de distancia da cidade de Cachoeira.

D. frei Manoel da Encarnação chamam-o por engano Francisco Vicente Vianna e José Carlos Ferreira na sua **Memoria sobre o Estado da Bahia**, destinada á Exposição de Chicago.

O Padre Martin não voltou mais ao Brasil por motivo do desaccordo, que sobreveio entre Roma e a Corte de Portugal com respeito aos capuchinhos de nacionalidade franceza dos quaes se exigiam juramentos de fidelidade e outras obrigações que a elles não ficava bem acceitar. Tendo partido de Lisbôa a 19 de Dezembro de 1687 chegou a Saint-Malo 21 de Janeiro seguinte.

"Estive desde minha sahida de França até a volta nesta longinqua e perigosa viagem 17 annos menos 39 dias. Deus seja para sempre bemdicto, glorificado e louvado, Elle que me livrou de tantos perigos."

Assim termina a Relação succinta e sincera da Missão do Pe. Martin de Nantes entre os indios chamados Cariris, a qual, além de sua importancia sob varios pontos de vista, projecta intensa luz para a historia dos capuchos da Bahia e do seu convento, o hoje tão bello, e para mim tão querido, hospicio da Piedade, que assaz deveu a Martin e a seus companheiros de nacionalidade franceza, já de todo esquecidos até nas publicações de cunho official.

Um descendente de Francisco d'Avila tornou-se saliente na Bahia por seu amor á Religião e actos de beneficencia. Delle fallam com muita gratidão as chronicas da Ordem Franciscana, chegando a dizer frei Antonio de Santa Maria Jaboatam no **Novo Orbe Seraphico Bra-**

silico que aos missionarios, que andavam pelas suas fazendas do Rio de S. Francisco, ás aldeias e missões fazia elle distribuir por dia uma rez de esmola, **alem do afavel e commum agazalho que em sua Pessoa e caza achavão todos os Religiosos que por aquelles districtos vagavão ás esmolas e outros benefícios mais.** Taes qualidades e graças o fizeram irmão da Ordem em Congregação de 14 de Agosto de 1706.

Foi elle Garcia d'Avila Pereira, 3.º desse nome, Coronel de Ordenanças a quem foi dada a capella da Conceição do Convento dos Franciscanos com direito a quatro sepulturas.

Foi sepultado na dita Capella, tendo occorrido seu fallecimento a 13 de Junho de 1734 ou a 1 de Agosto, pois que ambas essas datas se encontram na obra de Jaboatam.

O Coronel Francisco Dias d'Avila, comquanto sobre sua vida cale aquelle chronista, foi irmão ministro da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco no anno de 1686.

Transcripto da **"Revista da Academia Cearense"** — Tomo VII. Anno 1902.